



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RAFAELA BARBOSA DA SILVA**

**ESCRITAS E HISTÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO BAIXO MEDIEVO:  
Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan**

**GUARABIRA – PB  
2023**

RAFAELA BARBOSA DA SILVA

**ESCRITAS E HISTÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO BAIXO MEDIEVO:  
Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História Medieval

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alômia Abrantes da Silva

**GUARABIRA – PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Rafaela Barbosa da.  
Escritas e histórias de mulheres intelectuais no baixo medievo [manuscrito] : Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan / Rafaela Barbosa da Silva. - 2023.  
22 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História - CH. "  
1. Idade Média. 2. Mulheres. 3. Intelectuais. I. Título  
21. ed. CDD 930

RAFAELA BARBOSA DA SILVA

**ESCRITAS E HISTÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO BAIXO MEDIEVO:  
Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

**Área de concentração:** História Medieval

Aprovada em: 29 / 11 / 2023 .

**BANCA EXAMINADORA**



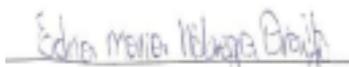
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Calissi  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Maria Aparecida, Jacira Maria e Lemuel  
Isaac, por serem meus maiores tesouros,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui mesmo com tantas adversidades.

Agradeço a minha mãe Maria Aparecida, minha avó Jacira, meu padrasto Antônio, e aos meus irmãos; Ezequiel, Ismael e Gabriella por todo apoio, carinho e compreensão.

Agradeço aos meus sobrinhos Lemuel Isaac e Clarissa Vitória, por serem minha inspiração.

Agradeço a minha família por todo amor que recebi.

Agradeço a Lais, Larissa e Vitória Mayane, amigas que a Universidade me proporcionou, por todos os momentos de partilha, brincadeiras e alegrias.

Agradeço a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alômia Abrantes, por todo o carinho, assistência e paciência. Serei eternamente grata.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, por todo aprendizado proporcionado.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. UM CONTEXTO E SUAS IMAGENS	9
3. MULHERES E SABERES NA IDADE MÉDIA	10
4. MARGUERITE PORETE	12
5. JULIANA DE NORWICH	15
6. CHRISTINE DE PISAN	17
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

## ESCRITAS E HISTÓRIAS DE MULHERES INTELLECTUAIS NO BAIXO MEDIEVO: Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan

Rafaela Barbosa Da Silva

### RESUMO

As mulheres intelectuais ao longo da história foram em grande medida invisibilizadas, isso inclui também o meio acadêmico e, embora elas venham conseguindo, aos poucos, mais destaques, ainda não é o suficiente para desconstruir os diversos preconceitos acerca dos assuntos que as envolvem. Isto é particularmente pertinente em relação ao medievo, inclusive sobre as muitas intelectuais que viveram na Baixa Idade Média. Através de uma pesquisa historiográfica acerca do tema, pretendo abordar o importante papel e impacto desempenhado por algumas dessas mulheres através de suas obras, no caso Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan. Com o objetivo de demonstrar que essas narrativas “esquecidas” nos proporcionam novas perspectivas de compreensão sobre o próprio contexto, contrariando a ideia recorrente de que o único papel exercido pelas mulheres era o dos ofícios domésticos ou de serem ‘perseguidas’, o que não quer dizer que não houve tal fato, entretanto, bem além disso há também influência das mulheres em todos os setores, seja na medicina, filosofia, teologia, literatura, dentre tantas outras áreas. E por fim, demarcar que o feminino no medievo é uma parte fundamental e não apenas “optativa” da história e que continuar a negligenciá-la é aceitar e contribuir com a imagem deturpada acerca dos acontecimentos desse período e sobre as mulheres que nele viveram.

**Palavras-chave:** Idade Média. Mulheres. Intelectuais.

### ABSTRACT

Intellectual women throughout history have been largely made invisible, this also includes the academic world and, although they have gradually gained more prominence, it is still not enough to deconstruct the various pre-established concepts about the subjects that involve the women. This is particularly pertinent in relation to the Middle Ages, including the many intellectuals who lived in the Low Middle Ages. Through historiographical research on the topic, I intend to address the important role and impact played by some of these women through their works, in case Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan. With the aim of demonstrating that these “forgotten” narratives provide us with new perspectives of understanding about the context itself, contradicting the recurring idea that the only role played by women was that of domestic tasks or of being 'persecuted', which does not mean to say that there was no such fact, however, well beyond that there is also the influence of women in all sectors, whether in medicine, philosophy, theology, literature, among many other areas. And finally, to demarcate that the feminine in the Middle Ages is a fundamental and not just an “optional” part of history and that 24 continuing to neglect it is to accept and contribute to the distorted image of the events of that period and the women who lived in it.

**Keywords:** Middle Ages. Women. Intellectuals.

## 1 INTRODUÇÃO

O apagamento das mulheres na historiografia ocidental ao longo do tempo, assim como diversas outras minorias, reflete-se nos dias atuais, nas formas em que elas são, não só imaginadas, mas também retratadas como “personagens” inferiores, frágeis e sem capacidade de decisão própria. Em particular, no caso da Idade Média isso foi bastante acentuado. Quando se trata de pensar a existência de mulheres intelectuais do medievo, há diversos obstáculos para se ter ‘acesso’ às obras dessas mulheres. Quando digo isso, me refiro à grande dificuldade de identificação dessas autoras, ao questionamento muitas vezes comum se foram realmente elas as responsáveis por suas obras, bem como a não documentação ou a perda da identidade da pessoa por trás do escrito.

Em relação a outras temáticas ou períodos da história, a exemplo da própria Idade Média, os estudos acerca das mulheres ainda são escassos, e a eles não são dados os devidos valores, ou seja, outro assunto tenderá a ser mais “valorizado” do que os feitos das mulheres, e quando falo de feitos, estou falando dos ofícios e práticas que elas desempenhavam sozinhas, seja como escritora, pintora, dona de seu ‘próprio negócio’, etc., e não somente como esposa, mãe ou dona de casa. Sem desmerecer a importância dessas últimas funções, que também necessitam de estudos e ressignificações, o que quero dizer é que, embora prevaleça uma imagem de mulheres que eram alvos de perseguição/opressão, limitar e colocar esse ponto como uma verdade única e absoluta é apagar e silenciar sobre os feitos e a importância dessas mulheres que participavam de forma ativa das dinâmicas sociais do período.

Refletindo sobre isso e pensando acerca das obras de autoria feminina no medievo, escolhi pesquisar e discutir acerca dessa questão, pela relevância que essa produção possui para a pesquisa e ensino em História. Pretendo então neste artigo contribuir com uma apresentação acerca de algumas dessas mulheres, para demonstrar a importância do ofício de escrever, de pensar, com foco no período demarcado como Baixa Idade Média na Europa, que corresponde dentro da cronologia mais comumente adotada, aos séculos XIII a XV. Sendo assim, procuro apresentar aspectos da vida e obra de algumas intelectuais que viveram neste contexto, buscando refletir sobre as seguintes questões: como era a sociedade para essas mulheres? Qual a importância e propósitos dessas obras no medievo e também na atualidade?

Dentre alguns nomes, escolhi apresentar aspectos da vida e obra de três mulheres: Marguerite Porete, Juliana de Norwich e Christine de Pisan. No caso, estas me parecem representativas da diversidade de perfis e das visões das mulheres daquele contexto. Porete, como uma mulher de estilo de vida beguino, que embora dedicada a uma vida espiritualista, não estava vinculada à vida clerical. Juliana de Norwich, uma freira que viveu dentro de regras rígidas da vida eclesial. Christine de Pisan, uma leiga, que conseguiu fora de mosteiros ter uma vida dedicada aos estudos e à sua escrita.

Para abordá-las e responder as questões que proponho, baseio-me em uma pesquisa de caráter bibliográfico, que tem como norte teórico principal a história das mulheres, como também uma historiografia acerca do período medieval. Dentre

minhas principais referências historiográficas estão Michelle Perrot (2017), José Rivair Macedo (2002), Mônica Karawejczyk (2017), Sílvia Schwartz (2010), Maria Simone Marinho Nogueira (2020), entre outros, para tratar das mulheres na Idade Média e sobre o seu apagamento na história, assim como também pretendo utilizar as obras das próprias autoras aqui escolhidas.

## 2 UM CONTEXTO E SUAS IMAGENS

Dentro da cronologia clássica mais adotada, o período nomeado Idade Média corresponde a mil anos ou dez séculos de história, do século V ao XV. Para fins didáticos e observando acontecimentos que dão ao período dinâmicas diferentes na sociedade medieval, muitos autores chamam de Baixa Idade Média o período do século XI ao XV, fase de grandes transformações na Europa medieval, com o revigoramento comercial e urbano, apogeu e depois enfraquecimento do feudalismo (ao menos em relação ao seu sentido/forma original de sistema político e também econômico). (CALAINHO, 2014)

Para o processo de crise feudal, diferentes aspectos contribuíram, tais como as guerras, as doenças e a fome; entretanto, também foi o período em que o crescimento das atividades comerciais fez emergir uma burguesia mais forte, proporcionou mudanças significativas nas relações econômicas e organizacionais; embora essas mudanças não tenham ocorrido de forma igualitária por toda a Europa enquanto em alguns lugares o sistema feudal, como era conhecido, tenha enfraquecido, em outros, pelo contrário, se intensificaram. Mesmo sendo 'impactada' de formas diferentes em regiões distintas, toda a Europa, de modo geral, foi atingida pelas novas relações que foram sendo estabelecidas. (FRANCO JUNIOR, 2003)

Assim como em outros períodos históricos, a Idade Média trouxe diversas 'descobertas e inovações', principalmente no campo do saber, incluindo o trabalho das escolas monásticas, a emergência das Universidades, e as diversas mulheres escritoras (tanto as "documentadas" quanto as que ainda não foram descobertas). Entretanto, o medievo não escapou de ser pensado/imaginado de forma estereotipada e preconceituosa, não apenas nos dias atuais, a partir do fim da Idade Média "rótulos" já eram direcionados ao período.

Aqueles que vieram após o período, tinham pensamentos diferentes sobre o medievo, uns imaginavam um período glamouroso, outros o tinham como "bárbaro", e até mesmo o classificando como a "Idade das Trevas", sendo esse último pensamento o que mais se destaca até hoje, produzindo assim uma grande negatividade acerca do período. Os filmes, séries, jogos, etc. contribuíram e muito para esse imaginário, principalmente em relação às mulheres, pois, quando não são retratadas como 'totalmente submissas', são retratadas como bruxas (o que é o mais comum de se ver), de terrível aparência e de grande maldade.

A Idade Média sempre foi um período histórico que despertou curiosidade, nem sempre pelos motivos que gostaríamos, como a grande contribuição tecnológica e intelectual que nos legou e que faz parte de nossas vidas ainda hoje (é o caso dos óculos, das universidades e de sua belíssima literatura). Normalmente ela é

retratada pelo filtro lançado pelos Iluministas do século XVIII como uma era de escuridão e trevas, em que a sociedade se encontrava sob o jugo social da nobreza e da Igreja. ( FILHO E OLIVEIRA, 2017, P. 143)

Portanto, para o imaginário popular a parte glamourosa do medievo seria os grandes castelos, a monarquia (no sentido do encanto que se tem pelas/os princesas/príncipes), os cavaleiros que lutam pela honra de seu povo e talvez pela pessoa amada, seria uma Idade Média mágica, cheia de encantos, enquanto outra face imaginada é a das guerras, mortes, doenças, povos bárbaros. Em resumo, os contos de fadas e filmes (que supostamente retratam a época) criados pela indústria do entretenimento, princesas indefesas que são resgatadas das garras da bruxa (má e horrenda, principalmente em aparência) por príncipes encantados para viverem felizes para sempre. Tais estereótipos atingem principalmente as mulheres medievais, pois, ou são retratadas e pensadas como figuras indefesas, “donzela virginal” à espera de um resgate, ou geralmente são a causa dos males, personificação do pecado e impureza, perseguidas pela Inquisição.

Apesar das muitas tentativas, que são contínuas, de reverter esse quadro relacionado a estas imagens, produzindo novas interpretações, não apenas no sentido acadêmico, mas também no sentido popular, ele continua sendo bastante rotulado e utilizado para justificar atos/falas preconceituosas, posições conservadoras, ataques a minorias, sejam no sentido religioso, de gênero, de classe, de raça, ou seja, o medievo se torna uma espécie de “justificativa” para atos criminosos, pois ao praticar tais atos, ao invés de reconhecer os erros, eles tentam na verdade, mostrar que, baseado em séculos anteriores e em uma sociedade diferente da atual, suas opiniões estão corretas, ou seja, pelos legados culturais e históricos acreditam que tudo se justifica.

### **3 MULHERES E SABERES NA IDADE MÉDIA**

Assim como em outros períodos da História, a sociedade medieval também definia seus papéis e lugares de acordo com as diferenças binárias de gênero (feminino/masculino), sendo os homens a estarem no controle, até mesmo os discursos religiosos no que diz respeito a vida matrimonial do casal favorecia o homem. Enquanto ao homem eram atribuídas a força e a virilidade, as mulheres eram relacionadas ao trabalho doméstico e fragilidade, uma compreensão que vem se provando tratar-se de uma generalização, pois as mulheres não cuidavam apenas do lar, mas estavam em diversas atividades que eram desenvolvidas na época.

Quando tentamos relacionar as mulheres que viveram na Idade Média com os aspectos do período, é pouco provável que venha em mente as pensadoras, escritoras, artistas, etc., primeiro pensamos nos costumes característicos da época, casar-se cedo era um deles, restrições acerca da educação feminina e/ou a dedicação à vida religiosa. Algumas dessas mulheres recorriam a vida em conventos, ou a serem beguinhas mulheres que se dedicavam a vida religiosa e viviam em comunidades, mas sem a tutela da Igreja como uma forma de ter independência e mais acesso à educação. Macedo (2002, p. 20) diz que antes de qualquer coisa o casamento era um pacto entre famílias e que nesse meio a mulher

era considerada um ser passivo, pois sua maior virtude, tanto dentro como fora do casamento, deveria ser a obediência/submissão, pois seja ela filha, irmã ou esposa, os homens deveriam ser sua referência.

Contudo, independente ao grupo social a que pertenciam, elas eram inferiorizadas em relação aos homens, mesmo que não fossem as mesmas limitações para todas, pois dependendo da condição social umas teriam mais “direito/liberdade” que outras, mas sempre com os homens acima de qualquer uma, o que já era esperado, sendo que esse era o modelo social que era imposto no medievo: idealmente, a figura feminina estava destinada a cuidar dos filhos e do lar, com o diferencial para as pertencentes à nobreza que contavam com a ajuda de serviçais.

Segundo Macedo (2002) além de todas as limitações enfrentadas pelas mulheres medievais perante a sociedade, havia também a depreciação feminina na literatura, poetas (intelectuais e religiosos) que atacavam as mulheres por meio de seus escritos, com a ideia de superioridade do homem e a “fragilidade” das mulheres. Essa ideia é ainda mais difundida por alguns religiosos que justificaram tais atos através de dois estigmas já bem conhecidos, o pecado de Eva, que justifica a inferioridade feminina, pois as mazelas começaram depois de Eva pecar, ao oposto está a Virgem Maria, símbolo de pureza e a redenção das mulheres. Portanto aquelas que não se encaixavam na idealização de pureza, seriam coordenadas e as demais deveriam ser vigiadas para não se rebelarem contra os ideais da época.

Ademais, vale reforçar que também no período que aqui reportamos, criou-se a base e iniciou-se a atuação do Tribunal da Santa Inquisição. Os discursos contra aqueles considerados hereges se intensificaram nos séculos XIX e XV e a estrutural misoginia presente em muitas interpretações do clero ortodoxo, colocaram as mulheres como alvo potencial de suspeitas. Hereges e/ou bruxas, suas imagens foram ainda mais depreciadas. “Os documentos cristãos de repúdio à bruxaria funcionaram como discurso de controle e repressão”, a partir dos quais as mulheres eram com frequência associadas a desvios dogmáticos, práticas pagãs, identificadas com o demônio (PORTELA, 2017), restringindo ainda mais suas possibilidades de expressão.

Importante reforçar que, na construção das narrativas históricas, predominam os documentos escritos por homens sobre as mulheres. No caso do medievo, muitas fontes clericais, de autoria masculina, ou mesmo laicas, em que as mulheres são invisibilizadas ou depreciadas, ocorrendo também a desvalorização da escrita feminina, o que nos fez/faz conhecer versões limitadas das mulheres medievais. Entretanto, o avanço das pesquisas, sobretudo no campo da história das mulheres e dos estudos de gênero, e o questionamento de muitas formas de interpretação, lançam luz sobre a presença delas em diversas atividades e sobre muitas mulheres que tiveram destaques por seus feitos no medievo:

Desde o início da Idade Média, percebemos um poder político crescente das mulheres nas grandes decisões e disputas sobre terras, fronteiras e poder religioso. Por um lado, as mulheres da nobreza emergiram no campo político: muitas mulheres de diferentes estratos sociais possuíam um papel importante na cultura, na economia, educação e religião. Eram pregadoras e professoras, um papel assumido mais tarde pelo clero. Efetivamente, por volta do século XI até o século XII, as mulheres preenchem os papéis que tradicionalmente foram atribuídos aos homens na história. Elas

estavam na liderança de grandes mosteiros, de poder religioso e político (TROCH, 2013, p.13)

A autora chama atenção, apoiando-se na pesquisa de Règine Pernoud, que as mulheres liam mais que os homens na Idade Média e que foram elas que ensinaram meninos e meninas nos mosteiros. Esta situação, entretanto, mudará ao final da Idade Média, com as Universidades entrando em conflito com o saber produzido pelas mulheres: “Em um constante exercício hierárquico de condenação, o conhecimento das mulheres não foi mais levado a sério, ao ser empurrado para fora do pensamento intelectual” (TROCH, 2013, p.13). Prova disso para a autora é a hierarquia criada entre a Teologia e a Mística, esta última caracterizada como uma linguagem mais alegórica, emocional, que embora não exclusiva das mulheres, reputava-se principalmente a elas quanto às suas visões e relação com o Divino, não tendo a mesma credencial de um estudo ou obra considerada teológica. Além de denunciar esta hierarquia, a autora convida a pensar a própria mística como uma estratégia de poder e resistência das mulheres: mesmo com a dominância masculina em diversos campos, incluindo o teológico, para que pudessem ter voz, diriam que seus escritos vinham direto de Deus.

Este questionamento abrange a produção de conhecimento de outras áreas, não só da História, como da própria Teologia e da Filosofia. Neste esforço muitos trabalhos vêm nos apresentando a possibilidade de “ouvir” a história das mulheres a partir delas, ou seja, de seus próprios escritos. Na coletânea “Mulheres Intelectuais na Idade Média”, organizada por Marcos Roberto Nunes Costa e Rafael Ferreira Costa (2019), são apresentadas cerca de 50 mulheres que deixaram um legado de saber produzido no período, abarcando áreas como a medicina, história, poesia, filosofia, mística, dramaturgia. Estes autores, citando Karini Simoni, reforçam que “a história das mulheres, geralmente escrita por homens e com base em fontes elaboradas por autores masculinos e escolásticos, está sendo substituída por abordagens que privilegiam registros deixados pelas próprias mulheres” (Simoni *apud* Costa; Costa, 2019, p.13)

Com base nesta perspectiva, apresento aqui algumas mulheres que constituem exemplos importantes da produção de saberes no contexto da Baixa Idade Média, que deixaram registros sobre suas visões acerca das questões que lhes interessavam e que com suas próprias condutas e existências nos auxiliam a compreender o contexto em que viveram.

#### **4 MARGUERITE PORETE**

De acordo com os dados apresentados nos autos do processo inquisitório, Marguerite Porete era da região de Hainaut, e foi condenada à fogueira por suas opiniões teológicas em 1310; é difícil afirmar com exatidão o ano em que ela nasceu, pois há divergências acerca da data, até mesmo o seu sobrenome é questionado por alguns pesquisadores, pois não há documentação acerca de sua família e sobre a própria Marguerite, apenas os documentos acerca de seu julgamento. “Marguerite, chamada Porete”, apesar da dúvida, é assim que ficou conhecida e é chamada. A escrita de sua obra, mostra que a mística tinha vasto

conhecimento teológico e literário, o que se acredita ser um indicativo de seu pertencimento a uma classe superior ou até mesmo a aristocracia do seu tempo. Acredita-se que ela tenha escrito outros livros, porém, ao nosso conhecimento, apenas *O Espelho das almas simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do amor* é atribuído a ela (NOGUEIRA, 2020).

Alguns historiadores acreditam que, embora a mística tivesse um “estilo de vida beguine”, não há como afirmar com certeza que ela tenha sido uma. Vale lembrar que desde pelo menos o século XII, viúvas e solteiras das camadas sociais mais altas, formaram na região da Bélgica, comunidades espirituais próprias, muitas inclusive abdicando de seus recursos, vivendo como mendigas errantes, ou instaladas em bairros restritos a elas, desempenhando várias atividades econômicas que lhes davam o sustento. Estas mulheres ficaram conhecidas como “beguinas” e, segundo Macedo (1999), sempre estiveram na mira da suspeita das autoridades eclesiásticas, que acabou por condenar o movimento em 1259, procurando controlá-las sob a tutela dos Franciscanos e Dominicanos.

Enquanto uns contestam, para outros Porete era sim uma beguina; seja como for, é bem explícito que ela era uma mulher de “intensa vida religiosa”, e que demonstra ter conhecimento dos textos bíblicos, o que pode explicar o estilo de vida adotado por ela, mesmo que, seguir uma vida dedicada a ‘religiosidade’ não seja o único ou definitivo motivo para adotar tal forma de viver; diversos fatores contribuem para tal escolha, a depender dos propósitos pessoais de cada mulher, desde a vocação religiosa à fuga de casamentos indesejados, já que, muitas das vezes recorrer a dedicação religiosa significava de certa forma, uma independência e, provavelmente, uma forma de ter mais acesso a educação.

O livro de Marguerite Porete é uma obra significativa da literatura espiritual, considerada como o “mais antigo texto místico da literatura francesa” e também “autêntica obra-prima da literatura mística de todos os tempos”, como vai declarar a estudiosa italiana Romana Guarnieri (PORETE, 2008). A mística muito provavelmente estava em busca de uma “radical experiência mística”, que teve como resultado uma espécie de autobiografia, já que através da obra é possível identificar características que podem ser ligadas a autora e também mostram características do período vivido por ela, ou seja, escrito a partir de sua experiência pessoal direta com o divino. Além de ser o resultado da sua vida de dedicação, foi também a ‘causa’ da sua condenação à fogueira;

Sabemos também pelas Atas do processo que ficou presa por quase um ano e meio, sendo condenada à fogueira da Inquisição em 1310 e queimada na praça de Grève, em Paris, em primeiro de junho daquele mesmo ano como herege recidiva, relapsa e impenitente. A “causa” da condenação foi o livro que escreveu, *Le miroir des simples ames anienties et qui seulement demourent en vouloir et desir d’amour* (na edição brasileira traduzido como *O Espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*) (NOGUEIRA, 2020, p. 77)

Foi a partir do ano de 1944, que a autoria do livro *Mirouer* (Espelho) passou a ser atribuída a Porete, até então a obra era atribuída a uma “beata dominicana e húngara”, através das investigações/estudos da italiana Romana Guarnieri acerca do movimento do Livre Espírito, com a publicação de um artigo no periódico católico *L’Osservatore Romano*, de 16 de junho de 1946, que trouxe a discussão acerca da

provável autoria e datação da obra que, provavelmente tenha sido escrita por volta de 1290. Originalmente a obra teria sido escrita em língua picarda, uma língua românica bem similar ao francês, seria uma espécie de dialeto daquela região (PORETE, 2008).

A obra possui uma estrutura dialógica, tanto com personagens centrais quanto secundários, sendo o destaque maior; a dama Amor, a Alma e a Razão (todas personagens femininas), há também variações das figuras principais da obra como; o Entendimento da Razão, a Alma Estupefata, a Alma Liberada, há personagens que apareceram apenas uma vez, assim como também possuem “representações” da divindade como; a Verdade, Deus o Pai, e o Espírito santo. Com um divisão de 140 textos/pequenos capítulos (levando em conta a tradução utilizada) com diálogos/temas diferentes em cada um, mas que, ao mesmo tempo, se conectam, uma forma de “libertação da alma” e de uma “união mística com Deus”, a obra mostra os conhecimentos da mística, conhecimentos filosóficos, teológicos e literários (uma característica da literatura mística feminina, pois é possível observar nos escritos femininos do medievo, como essas mulheres tinha conhecimento/domínio em diversos campos do saber e não centrados em um único campo).

O Espelho (doravante assim referenciado) é uma obra complexa que revela, dentre outras coisas, toda a cultura letrada de Marguerite Porete. Nele se percebe que Marguerite alterna a prosa e o verso; escreve em terceira e em primeira pessoa numa narrativa cheia de personagens que assumem determinadas posturas que, aos poucos, vão dando a conhecer, também, a própria pensadora, numa escrita de si assumida, sobretudo a partir da segunda parte do livro, quando as personagens desaparecem e a mística francesa fala em primeira pessoa. (NOGUEIRA, 2020, p. 77)

Escrita de forma teológica e filosófica sobre a experiência de um amor intenso, “O Espelho” é uma obra dialogante entre personagens que são representações e variações da alma humana e de Deus, a exemplo da personagem Alma que representa a humanidade, Amor que seria a divindade, ou seja, o próprio Deus, e a Razão que seria a parte racional e o julgamento humano. Na obra, Porete narra a trajetória percorrida pela Alma que está em busca de uma “vivência afetiva com a divindade”, por isso “O Espelho” também é considerado uma autobiografia, pois narra a jornada da autora em busca de viver as experiências que Deus pode proporcionar, seria então a autora a protagonista Alma:

No livro a protagonista Amor é o próprio Deus. A Alma é uma personagem que representa a humanidade, a finitude humana e a sua capacidade de se transformar plenamente em Deus e, portanto, transforma-se em ser infinito; por sua vez, a Razão, que também é uma das figuras principais no livro poretiano, reproduz a capacidade humana de julgar e raciocinar, encarnando uma personalidade inteiramente finita e limitada para compreender a experiência amorosa de Deus, que ultrapassa a dimensão do rigor da lógica e da argumentação, e cuja razão não consegue alcançar por seus próprios termos. (PONTES, 2016, p. 14)

“A Santa Inquisição ou Santo Ofício”, formas que se referem ao período da Inquisição, século XII ao XVIII aproximadamente, foi um movimento político-religioso que tinha como objetivo condenar as práticas que eram contrárias

aos dogmas da igreja católica no período, logo, criou-se uma ‘instituição’ que era capaz de, não só julgar como também condenar os hereges, como uma forma de, ao mesmo tempo, controlar e “salvar”, um método que se mostra que causou a morte de diversas pessoas, principalmente das mulheres, e Porete foi uma das muitas mulheres condenadas pela inquisição, após sofrer dois processos e não parar com a divulgação do seu livro.

No primeiro processo é advertida sobre os temas abordados, mas ao continuar com a divulgação de seus escritos, Marguerite sofre um segundo processo e será então, em razão do teor libertário escrito em sua obra, condenada a fogueira, ela e sua obra ( o *Espelho*), como “herética recidiva, relapsa e impenitente” em 1310, pois esse discurso escrito em seu livro vai contra a tradição teológica tradicional da época. Porete fala em seu livro sobre o amor da Alma por Deus e por si mesma. “Para a tradição, a alma não é um reflexo de Deus, ela não pode ser “Seu espelho”, Por isso mesmo, a autora e escritora do *Espelho* foi condenada e executada por dizer e pensar aquilo que não pode ser pensado, tampouco, poderia ser dito e escrito” (PONTES, 2016, p. 17).

## 5 JULIANA DE NORWICH

Existem diversas divergências acerca de quem foi Juliana de Norwich, e se as informações existentes sobre ela são realmente verdadeiras. As poucas informações que se tem sobre ela, provavelmente, foram escritas por um copista da época, não se sabe se por vontade dele próprio ou de quem encomendou a obra; não se sabe com exatidão o ano em que Juliana nasceu, contudo, se a data em que teve as visões (1373) e sua idade (trinta anos e meio) estiverem corretas, ela teria nascido em 1343 (mas há divergências acerca dessa data). Há, portanto, muitas lacunas sobre como era a sua vida antes de, voluntariamente, se emparedar, ou seja, enclausurar-se em uma igreja em sua cidade como uma forma de demonstrar o seu amor a Deus, uma atitude que é difícil de se entender quando olhamos do ponto de vista da atualidade. Não se sabe ao certo se Juliana antes de tomar essa decisão, se era uma mulher casada que ficou viúva, e que, como viveu no final da Idade Média, tendo em vista as mudanças ocorridas no cenário em que estava inserida, achou que essa seria a única alternativa que tinha, como acreditam alguns estudiosos ou se ela sempre foi dedicada unicamente a vida religiosa.

A pouca informação que se tem sobre ela e que, pode inclusive, ser falsa como já foi dito, é que a anacoreta Juliana de Norwich viveu, provavelmente entre 1342 ou 1343 a 1416, e que teria escrito duas versões das visões que ela teve sobre a Paixão de Cristo, visões essas que faziam parte dos três desejos dela, conforme explicarei mais adiante. Assim escreve o copista (que não tem a sua identidade revelada) no início do primeiro relato, lembrando que, provavelmente não foi a anacoreta que pediu para adicionarem tal informação;

Aqui está uma visão mostrada pela bondade de Deus a uma mulher devota. E seu nome é Juliana, que é reclusa em Norwich e ainda em vida no ano do Senhor de 1413. Na qual visão há muitas palavras fortalecedoras e grandemente instigadoras para todos aqueles que desejam ser amantes de Cristo.” (Copista anônimo In NORWICH, 2023, p.27)

*Revelações sobre o amor divino* é dividida em duas partes. Como já foi citado anteriormente, Juliana é considerada a primeira autora mulher de língua inglesa, a obra que é intitulada como, com um possível “intervalo de 20 anos entre elas” (acredita-se que esse intervalo é referente ao período em que Juliana ficou em meditação, para então compreender melhor aquilo que a ela foi mostrado) sendo a primeira parte chamada de “Relato Curto”, que é dividida em vinte e cinco (25) partes que são “nomeadas” por números romanos (essas partes não possuem títulos além dos números e não se tem um significado, ao menos não que saibamos, como não se sabe se foi a própria autora ou não que organizou dessa forma essa primeira parte da obra), a segunda parte, “Relato Longo”( essa segunda parte leva o nome da obra) é dividida em oitenta e seis (86) pequenos capítulos, em que ela dá mais detalhes do que na primeira parte.

Uma coisa que chama bastante a atenção nessa segunda parte da obra, é a presença de títulos nesses capítulos (levando em conta a tradução que está sendo utilizada neste trabalho), o que muitas das vezes vai nos dá uma impressão de que não foram colocados por ela e sim pelo copista, pois em alguns desses títulos, Juliana é tratada na terceira pessoa, entretanto, não há comprovações de que foi dela a ideia desses títulos.

Os questionamentos acerca da veracidade das informações sobre a anacoreta ocorrem pela “falta” de documentação que fale sobre ela, há quem acredite que seu nome nem ao menos é Juliana ‘de Norwich’, na introdução da tradução feita para a edição brasileira da obra, que foi traduzida por Marcelo Musa Cavallari (2023), é dito que para alguns estudiosos, São Julião, ou Julian em inglês, seria o “Patrono” da igreja de Norwich (ou seja, o santo em que a igreja era dedicada), lugar em que Juliana se tornaria, após sua visão, anacoreta. Portanto seria “a anacoreta de São Julião” e não “Juliana, a anacoreta”, embora também não se saiba se ela própria escolheu tal nome, o que se sabe é que assim ficou conhecida aquela que escreveu e ‘viveu’ o sofrimento da Paixão de Cristo.

A anacoreta em sua obra irá contar que possuía três desejos, é comum que, aqueles que se consideram religiosos peçam bênçãos e saúde, porém não Juliana, ela pediu uma doença que fosse capaz de fazê-la sentir as piores dores, físicas e espirituais e os maiores sofrimentos, mas com exceção da morte, ela pediu para sofrer as dores da paixão de Cristo como uma forma de servir ainda mais a Deus, ela se refere a esses desejos como graças; “Desejei três graças pelo dom de Deus. A primeira era ter em mente a Paixão de Cristo. A segunda era doença corporal. E a terceira era ter por dom de Deus Três feridas.”(NORWICH, 2023, p.27/28), ressaltando que o segundo desejo ela pede que aconteça “em juventude, aos trinta anos de idade”.

Tanto no *Relato Curto* como no *Relato Longo*, Juliana irá iniciar a sua escrita contando os seus três desejos, assim como o que ela esperava que aconteceria ao realizá-los, mas há uma diferença entre os dois relatos antes de se iniciar a narrativa sobre o que foi vivenciado, no primeiro relato há uma “breve apresentação” sobre Juliana, que como já foi dito, provavelmente veio do copista, enquanto no segundo relato, no que é nomeado como sendo o “segundo capítulo, Do tempo dessas revelações e como ela pediu três petições”, aparentemente, é da própria mística a descrição feita no início deste capítulo; “Essas revelações foram mostradas a uma criatura simples, iletrada, vivendo em carne mortal no ano de Nosso Senhor de 1373, no dia 13 de maio, criatura essa que desejava antes três dons de Deus[...]”(NORWICH, 2023, p.87)

Nos dois relatos a mística descreve o que teria sido as dezesseis revelações/visões que o Senhor teria concedido a ela, e que o propósito final de tais revelações, seriam as diversas formas de Deus mostrar o seu amor. Conta-se que estas revelações lhe chegaram no momento da grave doença, ao olhar, no leito de morte, para o crucifixo do padre que lhe dava a bênção final.

E do momento em que foi mostrada, desejei frequentes vezes saber qual era a intenção de Nosso Senhor. E quinze anos depois, e mais, me foi respondido em entendimento espiritual, dizendo assim: 'Quê? Queres saber a intenção do teu Senhor nesta coisa? Sabes bem: Amor. Foi essa intenção. Quem te mostrou? Amor. O que ele te mostrou? Amor. Para que mostrou-te Ele? Para Amor. Mantém-te aí e hás de saber mais do mesmo. Mas não hás nunca de saber aí outra coisa, sem fim. (NORWICH, 2023, p.319)

A forma como Juliana se mantinha fiel tanto a Deus como também a 'Santa Igreja', como ela se referia, é visível em sua escrita, ela não duvida em momento nenhum dos ensinamentos da Igreja, em suas visões, quando é mostrado algo que parece ser contra os ensinamentos da Igreja ela os questiona de uma forma que não seja "duvidar" do que lhe foi mostrado, mas que também não parecesse que ela estava duvidando dos ensinamentos que tivera, pois duvidar seria pecar contra o Senhor e contra a Santa Igreja, algo que a mística não poderia fazer, ou sofreria as consequências da mesma forma que outras/os sofreram, seria condenada por heresia. Acredita-se que os vinte anos que separam o primeiro relato do segundo, teria sido o tempo que ela levou para entender o que lhe foi mostrado, durante esse tempo, ela refletiu e meditou sobre as visões que tivera, para melhor compreendê-las, para que não houvessem dúvidas em si, para que assim não pecasse.

Com as rupturas que estavam ocorrendo e que envolviam a Igreja, a obra de Juliana poderia ter sido esquecida, anos depois, com a Reforma Protestante, um movimento que rompeu com a Igreja católica e a 'separação' entre o país e o papa, com essa separação e o fim dessa vida de dedicação extrema (penitência voluntária), logo aqueles que agora seguiam os ensinamentos da "Igreja da Inglaterra" (nesse caso, a Igreja Anglicana) não teriam para que ler os escritos de Juliana, o que levaria a obra ao esquecimento se não pelas "religiões inglesas exiladas" na França, e graças a isso a obra sobreviveu: "A primeira edição impressa das obras de Juliana foi feita na França no século XVII com base em manuscritos ali copiados num inglês que, na época, ninguém mais usava."(NORWICH, 2023, p.9)

## 6 CHRISTINE PISAN

Christine de Pisan foi uma poetisa e filósofa que nasceu em 1364, em Veneza, mas mudou-se para a França em 1379, em virtude do trabalho de seu pai que "era astrônomo e, como tal, foi convidado a viver na corte de Carlos V, o sábio", foi com seu pai que ela aprendeu filosofia e latim, o que foi possível de acontecer graças a sua posição social, embora tenha tido uma educação que não era comum para as mulheres da época (já que a base da educação feminina da época girava em torno do ensino voltado ao religioso). Embora Christine tenha conhecimento de tais

saberes, ainda assim não foi possível escapar do casamento, aos quinze anos de idade, e com apenas vinte e cinco ficou viúva, com a mãe, dois irmãos e três filhos que dependiam agora dela para sobreviver. (KARAWAJCZYK, 2017)

Christine foi uma escritora que buscou através de suas obras uma “valorização da mulher pela educação e pela aprendizagem”, ela é considerada a mais importante poetisa medieval e também a primeira mulher a viver de sua arte, ou seja, à conseguir o seu sustento, e também o de sua família, através da escrita, Pisan então transformou o seu saber em uma fonte de renda. Acredita-se que de 1399 a 1430 Christine tenha escrito mais de 15 obras de prosa e outras tantas poesias. Suas obras tiveram, por toda a Europa e não apenas na França, uma grande aceitação.

Um fato que chama bastante a atenção em relação a Pisan, é que, ao ficar viúva ela decidiu viver de forma “independente”, levando em consideração que o comum para a época seria ela buscar um novo casamento ou se dedicar a uma vida totalmente religiosa, ela não se dedicava a nenhuma ordem religiosa, o que na época poderia significar algum nível de independência, mesmo que ela tenha passado os seus últimos anos de vida em um convento (e mesmo com o tempo em que passou no convento, grande parte de suas obras foram escritas fora dele), muitas mulheres da época enxergavam o convento como uma forma de lhes proporcionar educação e de certa forma independência. Pisan, no entanto, conseguiu tal feito sem precisar se dedicar a uma vida no convento, ela decidiu então usar sua educação e conhecimento para prover seu sustento e independência;

Educada, culta, integrada ao mundo das letras, Christine teve de transformar seu saber em profissão e transformou as palavras em ofício e, da poesia, retirou o seu sustento. Aos 54 anos recolheu-se para um convento onde viveu por onze anos e escreveu um poema em louvor da figura que, para a posteridade, se destacaria acima de todas as outras mulheres, Joana D'Arc. Foi reconhecida como autora brilhante ainda em vida, compôs inúmeras baladas e poemas, inclusive uma biografia do rei Carlos V, além de obras educativas para mulheres e textos de caráter memorialístico e biográfico. Christine dedicou e ofereceu algumas de suas obras a pessoas da família real francesa. (KARAWAJCZYK, 2017 p. 191)

Os seus livros tiveram uma grande aceitação, não somente na França mas por toda a Europa Ocidental, o que é possível saber graças às diversas traduções de suas obras. “A Cidade das Damas” é sua obra mais conhecida, publicada em 1405, a obra é a construção de “uma cidade na qual as mulheres possam ser tratadas com justiça” trazendo personagens como a Razão, Retidão e Justiça para auxiliarem na criação dessa cidade. “A Cidade das Damas” é considerada “a primeira obra” que questiona a supremacia masculina em relação à mulher, é uma obra que traz o papel do feminino ao longo do tempo, de uma forma que comprove a capacidade tanto intelectual quanto física das mulheres. “Seus primeiros trabalhos foram poemas e seu primeiro patrono foi o irmão do rei da França, Louis –Duque de Orleans. Teve outros patronos, inclusive o Duque da Borgonha, o Rei Carlos VI e sua esposa, a rainha Isabeau”(KARAWAJCZYK, 2017, p. 192)

É através de suas obras que Christine irá mostrar, publicamente, o seu posicionamento acerca das questões femininas ao se envolver em uma batalha literária contra Jean de Meung e se posiciona publicamente contra ele

Esse autor ao completar a obra havia modificado o sentido inicial do poema de uma concepção cortês do amor idealizado para uma glorificação da sedução. Christine se envolve nessa querela ao atacar o conteúdo da obra e, principalmente, a leitura que os seus contemporâneos faziam dela, ou seja, dessa glorificação da sedução contra o ideal do amor fiel e puro, um ideal da cortesia cavaleiresca. [...] A ousadia de contestar um ponto de vista masculino foi descrita dessa forma por Christine: “que não me acusem de desatinos, de arrogância ou de presunção, de ousar, eu mulher, opor-me e replicar a um autor tão sutil, nem de reduzir o elogio devido a sua obra, quando ele, único homem, ousou difamar e censurar sem exceção todo o sexo feminino” (PISAN apud REGNIER-BOLER, 1998, p.530). Tem-se, assim, uma mulher que, em pleno século XV, escreve em defesa das mulheres demonstrando uma “clara consciência de si própria e de sua condição de poetisa e escritora” (MACEDO apud KARAWAJCZYK, 2017, p. 193-194)

Através dos escritos de Pisan, traz uma importante discussão e reflexão acerca das mulheres enquanto indivíduo na sociedade, assim como também escreve acerca das condições de vida dessas mulheres no medievo e suas tentativas de sobrevivências em condições tão adversas. Entre os diversos temas tratados em sua obra o traço mais marcante da escrita de Christine, é “a defesa da mulher” ,

E entre estes um tema que se destaca: o pedido de igualdade de educação para homens e mulheres, como se percebe nesse trecho, retirado da obra Cidade das Damas, na qual a autora destaca: “se fosse costume enviar as mocinhas à escola e ensiná-las metodicamente as ciências, como é feito para os rapazes, elas aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles” (PISAN apud KARAWAJCZYK, 2017, p. 195)

Christine faleceu em 1430 e deixando para a posteridade uma “variedade de gêneros e modalidades literárias”, assim como também deixava marcado na história a sua própria visão acerca da figuras femininas no medievo, a sua briga literária que possibilitou e possibilita, enxergar além dos muros da ignorância e misoginia que cercavam essa mulheres, para que assim tenham o reconhecimento merecido, não só em sua época, como também na contemporaneidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, na sociedade medieval as mulheres não eram incentivadas a estudar, pois para o período histórico aqui discutido, para uma mulher ser considerada bem sucedida, em relação ao padrão social considerado como ideal do período, ela deveria ser uma mulher bem casada. Porém, nem sempre tal idealização era perseguida e muitas alcançaram uma educação para além da doméstica, sobretudo favorecidas pela sua condição socioeconômica e/ou através da vida religiosa. Muitas mulheres que entraram para a vida religiosa, se tornaram intelectuais, contudo, nem toda intelectual medieval se dedicou tão somente à vida religiosa, algumas tiveram que se casar, a exemplo da própria Christine de Pisan.

Embora muitas dessas mulheres não tenham frequentado escolas ou tido uma instrução dita formal (ao menos não é possível afirmar com certeza se

frequentaram ou não, em decorrência das informações escassas sobre elas) e também com o repúdio e limitações sofridas pela figura feminina medieval, a escrita de algumas retrata e critica exatamente o que sofriam, questiona a maneira a qual as mulheres eram tratadas, o silenciamento, a opressão e difamações o que é exemplar em Pisan, ou ainda, critica aspectos da ordem estabelecida, inclusive religiosa, como o fez Porete. Outras, a exemplo de Norwich, escreveram dentro “das regras da Igreja” sobre a relação do divino e o ser humano, contudo, nessas obras também é possível observar o cenário em que aquela mulher estava inserida e produzia um deslocamento importante como uma voz feminina legitimada naquele contexto.

Levando em conta a discussão apresentada, vemos que as mulheres, especialmente no período chamado de Baixo Medieval, para além do ambiente doméstico, desempenharam diversas atividades, sendo de extrema importância para o meio social e também econômico do período, e mesmo com todos os empecilhos, não deixaram de lutar para que suas vozes fossem ouvidas e consideradas, luta essa que se dá principalmente através dos trabalhos desempenhados por elas, que eram inúmeros, para conquistar seus próprios meios de existência e independência, mesmo que em alguns casos esses escritos aparentem ser “apenas textos religiosos”.

Observando essas mulheres e sua persistência acerca da busca de um lugar de relevância/reconhecimento na sociedade/história e olhando para o momento atual da humanidade, conseguimos perceber o quanto as mulheres alcançaram, em comparação às gerações anteriores, e continuam a buscar seus direitos, graças a mulheres anteriores que romperam com os padrões sociais que dominavam seus períodos. Principalmente as mulheres medievais (que aqui são o foco do estudo) lutaram e pagaram caro, seja de uma forma física ou de uma forma mais “sutil” no sentido do não físico, por seus direitos e autonomia em uma sociedade misógina, dominada por homens.

As três intelectuais aqui citadas trazem pontos tanto semelhantes quanto divergentes, uma das semelhanças entre elas é que, quando lidas na atualidade, proporcionam uma visão diferente da tradicional em relação ao medieval, do lugar que era reservado a figura feminina vê-se que tanto a obra de Porrete quanto a de Juliana retratam a vida religiosa, a busca pela experiência Divina, com a diferença de que Juliana escreve a sua obra, sem duvidar dos ensinamentos da Igreja, pois do contrário, ela seria condenada assim como aconteceu com Porete, o que mostra como era a dinâmica do controle eclesiástico e como as demonstrações de fé extrema eram vistas e tratadas como “simples/normal”.

Suas obras mostram características em relação ao medieval que, muito provavelmente, não seriam possíveis de discutir sem o auxílio desses escritos. Pisan por exemplo, ao conseguir seu sustento através de sua escrita, e através da mesma “lutou a favor das mulheres”, até mesmo enfrentando os intelectuais da época. Logo, através desses documentos históricos, que são os escritos femininos da/sobre Idade Média, é possível observar o quão importante para aqueles que leram na época, tanto os relatos religiosos quanto sobre a valorização das mulheres, assim como a grande importância dos mesmos para a contemporaneidade, pois do contrário, teríamos uma visão misógina, preconceituosa e deturpada de uma Idade Média escrita por homens que não enxergavam as mulheres como sujeitos, como sendo uma verdade absoluta pois não haveria como mostra o contrário.

Marguerite Porete mesmo já ciente das circunstâncias em que ela se encontrava em relação à sociedade a qual pertencia, não só escreveu como também se recusou a parar com a divulgação de sua obra, não se intimidou diante das circunstâncias enfrentadas, o que mostra que ela era uma mulher decidida e que, ao mesmo tempo em que sua condenação pode servir como um “aviso” para as consequências dos “desvios de conduta” da época, também mostra o crescimento em relação a relevância que o movimento a qual Porete é atribuída, as beguinas, também era serve como uma forma em que escritoras deveriam ter cuidado com o que escreviam, com o que era divulgado.

Juliana de Norwich uma freira/anacoreta que, embora não tenha enfrentado as mesmas circunstâncias que Porete, não deixou, mesmo que de uma forma que aparenta ser “sutil”, de “lutar”, pois ao ter o cuidado de escrever de uma maneira que não fosse ofensiva/desrespeitosa para com a Igreja e seus ensinamentos, para que assim fizesse com que a sua “voz” fosse escutada, para que aquelas visões que teve em relação a considerada a maior prova de amor para com a humanidade, *A Paixão de Cristo*, fossem validadas.

Christine de Pisan que, ao enfrentar os intelectuais homens e, consequentemente os padrões ideais do período, a favor da educação das mulheres, demonstra que, as mulheres (ou uma categoria delas em específico) eram cientes de sua condição na sociedade medieval, assim como também eram cientes da forma misógina e preconceituosa em que esses homens pensavam as mulheres, mostra então o desejo pela mudança, valorização e reconhecimento dessas mulheres como intelectuais (ou qualquer que seja a sua profissão), o reconhecimento/validação de suas vozes .

As circunstâncias enfrentadas por essas mulheres, por si só, já demonstram o quão relevantes suas obras são para uma “releitura” do medievo a partir das perspectivas e vivências femininas; como afirma Perrot (1995) escrever uma história das mulheres é revelador, pois iluminam seus lugares como agentes históricos, quebram o silenciamento imposto por uma historiografia que as tornaram pouco ou não visíveis.

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, Carolina Niedermeier **JUST BECAUSE I AM A WOMAN... POSSIBILIDADES DE AUTORIA PARA MULHERES ESCRITORAS (SÉCULO XIV)**. Porto Alegre, 2019 ( dissertação de mestrado)

CALAINHO, Daniela B. **História Medieval do Ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Série História Geral)

CALADO, Eleonora de Freitas, Luciana; Gonçalves Licari, Luzilá. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan**. 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802_1.pdf)

CANDIDO DA SILVA, Marcelo . Entre a “Antiguidade Tardia” e a “Alta Idade Média”. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação

em História [en línea]. 2008, 12(2-3), 53-64[fecha de Consulta 14 de Novembro de 2023]. ISSN: 1415-9945. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526872004>

COSTA, Marcos Roberto Nunes. COSTA, Rafael Ferreira (Org.). **Mulheres intelectuais na Idade Média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística**. Porto Alegre: Ed. Fi, 2019. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1OISh3Q\\_LNkKRISoJLLuQ9EM4B1abFaTz/view](https://drive.google.com/file/d/1OISh3Q_LNkKRISoJLLuQ9EM4B1abFaTz/view). Acesso em 20/10/23.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Idade Média: O nascimento do Ocidente**. São Paulo: Contexto, 2003.

FLORES, Josué Soares. **Maternidade de Deus em Juliana de Norwich**. 2013. 79 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/5868>

KARAWEJCZYK, Mônica. **Christine de Pisan: uma feminista no medievo?** História, Rio Grande, 8 (1): 189-203, 2017 <https://periodicos.furg.br/hist/article/download/6214/5087/22271>

MACEDO, José. R. **A mulher na Idade Média**. 5ª ed.- revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.- (Repensando a história).

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. AMARAL, Maria José Caldeira do. A mística como crítica nas narrativas de mulheres medievais **Revista de Cultura Teológica** Ano XXIII y No 86 y Jul/Dez 2015

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **MARGUERITE PORETE: A MÍSTICA COMO ESCRITA DE SI**. Revista Graphos, vol. 22, nº 3, 2020 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536

NORWICH, Juliana de.1342 - 1416. **Revelações sobre o amor divino**; tradução, introdução e nota de Marcelo Musa Cavallari– 1º ed. – São Paulo: Penguin-companhia das letras, 2023.

OLIVEIRA, Beatriz dos Santos. FILHO, Mario Marcio Felix Freitas. **A IDADE MÉDIA NO CINEMA: UMA (RE)VISÃO DO IMAGINÁRIO OCIDENTAL**. Revista ComparArte, Rio de Janeiro, Volume 01, Número 01, Jan.-Jun 2017.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **A Idade Média imaginada: usos do passado medieval no tempo presente**. In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/usos-do-passado-medieval-idade-media/>. Publicado em: 09 set. 2019. acesso em 14 de out. 2023.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Dossiê: “história das mulheres no ocidente” cadernos pagu (4) 1995: pp. 9-28.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história operários, mulheres e prisioneiros**. Seleção de textos e introdução Maria Stella Bresciani; tradução de Denise Bottmann. -12ª ed. - Rio de Janeiro: Paz eTerra, 2022

PERROT, Michelle, 1928- **Os excluídos da história [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros** / Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. recurso digital

PONTES, Amanda oliveira da silva. **Amar a Deus e Amar a si: imagens no espelho da experiência mística em marguerite porete**. João Pessoa, 2016, dissertação de pós graduação  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11741/1/Arquivototal.pdf>

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. tradução e nota de Silvia Schwartz- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.- (Série Clássicos da Espiritualidade)

PORTELA, Ludmila Noeme S. "Os pilares da fogueira": a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (Séc. XIV). **Dimensões**, v. 39, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/18632/12654>. Acesso em: 05/11/23.

SCHWARTZ, Sílvia. **Marguerite Porete: Mística Apofatismo e Tradição de Resistência**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, JUIZ de FOfa. v. 6, n. 2, (2003), p 109-126.

TROCH, Liève. Mistica feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Graphos**: Revista de pós-graduação em Letras. V.15, n 01, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16324>. Acesso em: 18/10/23.